O DESENHO INFANTIL E A IMPORTÂNCIA DA ARTE PARA CRIANÇA

EDILENE VIANA DE SOUSA

RESUMO

O tema da pesquisa: O desenho infantil e a importância da Arte para criança justificam-se, pois, trabalhar com o desenho na educação infantil exige muito conhecimento a respeito do desenvolvimento da criança. As crianças manifestam seus sentimentos, suas emoções quase sempre por meio dos desenhos. São por meio dos desenhos que elas conseguem soltar sua imaginação e representar o que está a sua volta. Portanto, ter um olhar diferenciado sobre as produções artísticas das crianças da Educação Infantil, percebendo-a como uma manifestação de seu desenvolvimento cognitivo e afetivo pode ser um diferencial deste segmento educacional. O presente trabalho tem por objetivo contribuir para educadores da Educação Infantil a repensar sobre as concepções e metodologias a respeito da Arte por meio dos desenhos, sobre sua prática, as possibilidades de novas linguagens e técnicas e os reais objetivos desse ensino, bem como compreender o exercício do desenho das crianças e suas evoluções, valorizando a possibilidade da expressão e da criação.

Palavras-Chave: Desenho; Arte; Criação.

ABSTRACT

The theme of the research "Children's drawing and the importance of the arts of children", justice itself, because working with drawing in children's education requires much knowledge about the child's development. Children express their feelings, their emotions almost always through drawings. It is through the drawing that they manage to let go of their imagination and represent what is around them. Therefore, having a differentiated view on the artistic productions of children in Early Childhood Education, perceiving it as a manifestation of their cognitive and affective development can be a differential of this educational segment. The present work aims to contribute to educators of Early Childhood Education to rethink the conceptions and methodologies regarding Contemporary Art, through drawings, about their practice, the possibilities of new languages and techniques and the real objectives of this teaching, as well as understand the exercise of children's drawing and their evolution, valuing the possibility of expression and creation.

Keywords: Drawing; Art; Creation.

INTRODUÇÃO

A pesquisa traz como tema “O desenho infantil e a importância da arte para criança”, justifica-se essa abordagem, pois, a criança desenha muito antes de entrar para a escola, portanto antes desse momento é possível que ela já tenha vivenciado várias oportunidades e dos mais vários tipos de representações gráficas.

As crianças desenham reproduzindo cultura, isto é, espaços e tempos nos quais se inserem. Na verdade, tanto reproduzem como também produzem e nessa reprodução ou produção a criança atribui significados oriundos das suas experiências, ao mesmo tempo em que vivenciam novas experiências. Vê-se, assim, que o desenho é para a criança uma forma de linguagem por meio da qual ela procura se expressar.

A hipótese trabalhada é a de que o desenho, assim como outras manifestações da criança, sintetiza os esquemas de representação por ela construídos na sua interação constante com os sistemas presentes na cultura que a envolve. Ou seja, desenvolvimento do desenho da criança se dá em conformidade com os modelos sociais por ela absorvidos e vividos, o que significa dizer que crianças de diferentes meios sociais desenvolvem esquemas de representação também diferentes.

O objetivo geral do estudo é avaliar em que medida o professor de educação infantil pode contribuir para que o desenho cultivado seja utilizado como uma forma de desenvolvimento da criança, respeitando e valorizando seus esquemas de representação.

De forma mais específica, busca-se compreender, entre os autores consultados, em que medida a criança cria por si mesma os seus esquemas de representação pelo desenho, em que medida esses esquemas são elaborados a partir da influência do meio onde ela vive e, por fim, em que medida esses esquemas podem ser alterados de forma positiva ou negativa pela intervenção do professor.

A metodologia adotada para o estudo é a pesquisa bibliográfica, preferindo-se o apoio de autores mais versados sobre a questão, que, com suas experiências diretas ou pela síntese que fazem das experiências de outros autores, fornecem amplo material para que o assunto seja devidamente aprofundado.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 O DESENHO INFANTIL

As crianças gostam muito de desenhar, procuram qualquer motivo para rabiscar, brincar com os lápis, traçam círculos semicírculos regulares e irregulares, gostam de usar os dedos como pincel na areia, na tinta. Quando possuem um lápis ou giz é uma verdadeira festa.

A iniciação das crianças no mundo dos desenhos, formas, e cores, deve ser estimulada a acontecer o quanto antes, e o trabalho realizado com os bebês desde a creche tem grande influência para o desenvolvimento das crianças, por ocupar um grande papel na vida das crianças. Suas primeiras obras são os rabiscos:

Rabiscar – Colocar um giz grosso de cera na mão do bebê e deixar que ele produza seus primeiros rabiscos em um papel grande sobre o chão. As crianças se divertem com movimento de rabiscar e se encantam com as marcas que conseguem deixar no papel. (BRASIL, 2012, p.18).

O desenho é composto de três elementos básicos: o material que é usado na criação, o autor desta produção e a própria produção originada. Para Edith Derdyk (2003) o desenho possui significado mágico em todas as áreas que assume:

Seja no significado mágico que o desenho assumiu para o homem nas cavernas, seja no desenvolvimento do desenho para a construção de maquinários no início da era industrial, seja na sua aplicação mais elaborada para o desenho industrial e a arquitetura, seja na função de comunicação que o desenho exerce na ilustração, na história em quadrinhos, o desenho reclama a sua autonomia e sua capacidade de abrangência como um meio de comunicação, expressão e conhecimento (DERDYK, 2003, p.29).

As ideias de Derdyk (2003) tratam o desenho como forma de ação sobre o mundo, manifestando seus desejos de representação.

O desenho também é uma manifestação da inteligência. A criança vive a inventar explicações, hipóteses e teorias para compreender a realidade. O mundo para a criança é continuamente reinventado. Ela reconstrói suas hipóteses e desenvolve capacidade intelectiva e projetiva, principalmente quando existem possibilidades e condições físicas, emocionais e intelectuais para elaborar essas "teorias" sob forma de atividades expressivas. Enquanto houver criança desenhando, representando, construindo, inventando, processando o consumo deste mundo ficcional que lhes é apresentado como realidade, está poderá ser fruída de maneira inteligente, sensível e indagadora (DERDYK, 2003, p.54).

O desenho evidencia as ideias que as crianças constroem sobre o mundo a sua volta, destacando o processo da construção de conhecimentos por elas vivenciado.

A criança desenha muito antes de entrar para a escola, portanto antes desse momento é possível que ela já tenha vivenciado várias oportunidades e dos mais vários tipos de representações gráficas.

As crianças podem desenhar, pintar e colorir. Assim, aprendem e representam o mundo das cores e das formas. Por meio dessa expressão produzem imagens gráficas, adquirem autonomia e precisão de gestos.

(ABRAMOWICZ e WAJSKOP, 1999, p.85).

É fazendo uso da linguagem gráfica que elas reconstroem a realidade externa e adéquam-na a sua realidade interna. Para Holm (2007, p.23) "cada desenho é único. Não consigo ver as similaridades, somente as diferenças. O desenho, com certeza, é comunicação.

De acordo com Rosa Iavelberg (1995), o desenvolvimento da capacidade de desenhar ocorre num processo conforme as relações e interações sociais, os contatos com as produções artísticas, imagens e as oportunidades de as crianças desenharem, experimentarem cores, traçados, suportes e movimentos.

Desenhar é mais uma maneira de se expressar, exteriorizar os pensamentos, organizar as ideias, tornar concreto o que até então era apenas um pensamento, uma imaginação. É sem dúvidas, uma representação de formas sobre uma superfície, utilizando pontos, linhas, manchas, ludicidade, trabalho artístico.

Segundo Mazzamati, (2012, p.129) "As linhas no desenho são a diversão do desenhista, elas sobem, descem, esticam, encurtam, param, conforme o nosso desejo. Existem as linhas retas, tortas, pontilhadas, verticais, horizontais, diagonais".

Por meio dos desenhos que as crianças iniciam seu interesse e imaginação, desenvolvendo assim a criatividade no fazer artístico, pois vão adquirindo novas habilidades e formas de perceber o mundo.

Para Mazzamati (2012, p.130) "A forma é móvel enquanto ainda está na mente do desenhista, e, depois que vai para o papel, ou outro suporte, instala-se e ganha corpo e lugar definido.

O trabalho bem desenvolvido nessa área desenvolve a sensibilidade, a percepção e a imaginação do aluno, tanto para realizar formas artísticas quanto para apreciar e conhecer produções individuais e coletivas, bem como a natureza.

Quando os traços que até então eram

apenas rabiscos vão se tornando organizados dentro do espaço oferecido, a criança está passando pela fase/estágio das garatujas controladas.

O contato com as cores, e a estimulação precoce do trabalho com artes visuais, visa explorar os sentidos e a curiosidade dos bebês e crianças, podendo ser iniciado já nos primeiros meses de vida, já que trabalha de forma integrada a percepção, cognição, imaginação, sensibilidade, intuição e o pensamento.

Para Cunha (1999) explora os sentidos ao manter contato com as cores, o autor nos explica:

A criança desde bebê mantém contato com as cores visando explorar os sentidos e a curiosidade dos bebês em relação ao mundo físico, tendo em vista que, nesse período, descobrem o mundo através do conhecimento do seu próprio corpo e dos objetos com que eles têm possibilidade de interagir. (CUNHA, 1999, p. 18).

De acordo com Mazzamati (2012, p.136) "na arte a cor no desenho é a composição que o autor faz ao organizá-lo no espaço. O uso da cor evidencia uma escolha". Em todas as suas formas de comunicação e expressão a arte vem de encontro ao universo lúdico da criança contribuindo para seu desenvolvimento e aprendizado.

A criança ainda muito pequena ao fazer seus primeiros riscos apresenta a fase das garatujas desordenadas, são traços aleatórios que muitas vezes acontecem por aqui querer experimentar o objeto que pode ser o pincel, lápis giz, carvão etc.

Nas garatujas controladas os rabiscos tomam formam e se organizam, recebendo os nomes e significados dados pelas crianças. Em relação aos tipos de desenhos podemos defini-los como abstratos, conforme definido por Mazzamatti (2012) esses desenhos não possui uma simbologia relativa a figuras.

Um desenho abstrato é aquele que a imagem apresentada não se refere a figuras que remetem ao real, nem mesmo aquelas dos sonhos. Os desenhos abstratos não têm uma simbologia relativa a figuras, mas sim uma ligação direta com ideias e composições. (MAZZAMATTI, 2012, p. 139)

O desenho figurativo, já se baseia em figuras conhecidas no mundo real:

bonecos representam humanos, neles encontramos animais, natureza, paisagens, e cenas do cotidiano.

O desenho figurativo é aquele cujas imagens estão apoiadas em figuras conhecidas no mundo real. Os temas mais comuns desse tipo de desenho são: figuras humanas, coisas da natureza, flores, animais, frutas, árvores etc, paisagens urbanas, campestres, marinhas; as cenas: do cotidiano, guerra, figuras imaginárias (MAZZAMATTI, 2012, p. 139).

Identificamos a presença do universo figurativo quando a criança inicia na fase garatuja intencional, surgindo outros elementos além da figura humana ou de uma casinha, ainda que bem rudimentar, podem surgir um sol uma flor um bichinho entre outros.

Já estágio pré-esquemático inicia por volta dos 4 a 6 anos. De acordo com Lowenfeld (1977), é um momento em que a criança já começa a compreender a relação do seu desenho com seu pensamento e sua realidade. Nessa fase ele sente muito entusiasmo e prazer em desenhar objetos e coisas da sua realidade, exprimindo sua fantasia.

2.3 DESENHO COMO LINGUAGEM

O nosso Referencial Curricular para a Educação Infantil (1998), é bem pontual quando traz o ensino de arte como uma forma de linguagem.

Carmen Lúcia Perez (2001), demonstra como a criança usa o desenho para se expressar.

Desde os primeiros traços da criança desenvolve-se um processo que culmina numa espiral, na qual se segue o desenho com intenção e pouco depois a escrita. A criança se utiliza do desenho como forma de expressão, contando através dele uma história. Ao desenhar sua casa e sua família a criança expressa representações que construiu no cotidiano de suas relações. Ao se expressar (através do desenho), ele organiza seu pensamento, ao mesmo tempo em que se conscientiza de suas emoções. (PEREZ, 2001, p.80).

Com a observação atenta aos desenhos das crianças, constata-se que a fala está presente como parte do ato de desenhar. Primeiro as crianças produzem os traços, que só depois são interpretados e posteriormente são descritos sobre suas ideias, conforme vão produzindo.

O desenho é uma das primeiras formas de expressão. Toda criança, antes de escrever, já desenha naturalmente, e sem saber já desenvolve habilidades artísticas, gráficas, conceituais

Em experimentos realizados para estudar o ato de desenhar, observamos que frequentemente as crianças usam a dramatização, demonstrando por gestos o que elas deveriam mostrar nos desenhos; os traços constituem somente um suplemento a essa representação gestual. Uma criança que tem que desenhar o ato de correr começa por demonstrar o movimento com os dedos, en-

carando os traços e pontos resultantes no papel como uma representação do correr (VYGOTSKY in FERRAZ & FUSARI, 1989, p.65).

Ao longo das vivências, a produção da criança se transforma em linguagem e ela começa a contar o que fez. O que não quer dizer que ela o fará sempre, mas a partir desse momento a experiência e a produção se transformam num meio de comunicação. Desenhar é importantíssimo, Mazzamati (2012), conceitua como interessante o ato de desenhar, vejamos na integra como o autor define:

Desenhar é uma coisa interessante: se o pensamento estica, a linha acompanha. Se encurta, também. Se piso na areia, marca. Se dou um abraço enrola. Se mostro o tamanho do bicho com as duas mãos, visualizo. Desenhar é mesmo uma coisa interessante. Dentre as muitas maneiras de definir o ato de desenhar, que foram mudando ao longo do tempo e da história, uma das mais interessantes é a que considera o ato de desenhar uma conversa, que possibilita ao pensamento rever e processar informações, numa constante relação entre o ser que desenha e o mundo. Uma conversa que quem desenha estabelece consigo mesmo e com o outro. (MAZZAMATI, 2012, p.11-12).

Mazzamati (2012) complementa com as razões pelas quais a criança precisa do desenho para desenvolver aspéctos ligados a estruturação e desenvolvimento cognitivo:

O processo de aprendizagem do desenho infantil tem seu campo definido. A criança desenha desde pequena. Na escola, é lhe oferecido um espaço para desenvolver essa atividade pelas razões já apontadas, de estruturação e desenvolvimento cognitivo integrado (MAZZAMATI, 2012, p.63).

O trabalho com desenhos no dia a dia das crianças, devem acontecer, mas de maneira bem planejada, com objetivos, auxiliando no processo de ensinoaprendizagem. Deve se agregar as práticas pedagógicas para que as crianças se percebam como construtores de seus próprios saberes, tão fundamental para a formação humana.

De acordo com Leite (2008), em seu texto sobre o desenho da criança vem “ressignificar a concepção de desenho de forma a ampliar o diálogo com arte” (2008, pg. 62) com o objetivo de desconstruir algumas verdades que temos como absolutas em nossa prática, visando pensar os desenhos além de uma dimensão estética e poética num olhar que vai além dos signos simbólicos e convencionais a serem decodificados e lidos.

Desenhando a criança pode se expressar de maneira livre, capaz de transformar mensagens que capta do seu cotidiano e tem papel fundamental na compreensão e na análise crítica da sociedade por parte da criança. Esse representar vem carregado de algum tipo de memória, que é resultado da cultura vivida pela criança. Podemos entender o desenho como se fosse um companheiro de brincadeira da criança dentro e fora da sala.

Lowenfeld & Brittain (1977, p.20) dizem que a gênese da criança em relação ao desenho começa com os primeiros rabiscos feitos desajeitadamente e vai evoluindo, apurando-se, de modo paralelo à própria evolução da criança no decorrer da idade.

Assim, o desenho evidencia as ideias que as crianças constroem sobre o mundo a sua volta, destacando o processo da construção de conhecimentos por elas vivenciado. E fazendo uso da linguagem gráfica que elas reconstroem a realidade externa e adéquam-na a sua realidade interna.

No caso do desenho, e da criança, o que esse representa é aquilo que a criança materializa como imagens mentais a partir daquilo que ela conhece e tem registrado na memória, com o acréscimo ainda da imaginação. Assim, quando uma criança desenha, ela não o faz pela observação de algo, mas sim daquilo que tem na memória ou do que gera a sua imaginação.

De acordo com Ferreira (2008), Vygotsky sempre considerou a linguagem como ponto essencial ou mesmo chave para a intermediação entre as pessoas. É por meio dos signos expressos na linguagem que os indivíduos se entendem uns com os outros.

Em relação ao desenho da criança, por ser autoexplicativo, exige para sua compreensão a intermediação da fala. Ainda de acordo com o autor os significados de um desenho infantil não estão propriamente nas figuras, mas são dados pela linguagem, ou seja, é a fala o instrumento que possibilita formas mais complexas de percepção cognitiva. É por meio da fala - além dos sentidos - que a criança começa a perceber o mundo.

Ferreira (1998) diz ter sido motivada na condução da sua pesquisa pela constatação da vulnerabilidade do desenho infantil face às diferentes "leituras" e apreciações realizadas não só pela escola, mas também pela família. Leituras essas que a autora considera aleatórias e subordinadas a uma visão redutiva, na qual o desenho é reduzido a simples reprodução de imagens dos objetos circundantes no cotidiano. No entanto, diz:

Os desenhos têm significados atribuídos pela própria criança que desenha, e está tem a intenção de representar alguma coisa, dirigida por uma série de representações e crenças advindas de seu meio cultural. A atividade do desenho pode indicar os múltiplos caminhos que a criança usa para registrar percepções, conhecimentos, emoções, vontade, imaginação, memória no desenvolvimento de uma forma de interação

social, apropriada a suas condições físicas, psíquicas, históricas e culturais. O desenho da criança não é então um código que outros podem entender. Sua decifração exige um diálogo entre a criança, autora do mesmo, e o adulto, o intérprete" (FERREIRA, 1998, p.45).

A dificuldade da interpretação por parte do adulto, por outro lado, começa exatamente pelo fato de que a criança não desenha aquilo que ela vê, e que o adulto poderia estar vendo também, mas sim aquilo que ela imagina, e que está fora do campo de compreensão do adulto.

Continuando com Ferreira (1998), vê-se que a criança em idade pré-escolar em seu desenho carece de uma visão mais acurada, pois ela tem uma forma peculiar de expressar aquilo que vê, e não figura um objeto à maneira do adulto. Isso não significa inabilidade para desenhar, mas sim a posse de outros meios de figuração, condizentes com seu desenvolvimento, e que a satisfazem.

A autora lembra que outros autores situam a habilidade da criança e evolução de seu desenho em etapas, fases e estágios, seguindo uma linha maturacionista, que dispõe o desenvolvimento ao longo de fases de maturação. Mesmo assim, saindo da garatuja e evoluindo até atingir a representação do real, as crianças sempre desenham o que sabem e não o que veem do objeto.

É de Ferreira (1998) ainda as colocações no sentido de que se fosse apenas para reproduzir o plano real, talvez não houvesse necessidade da imaginação, mas apenas de observação. A imaginação existe para adaptar o indivíduo a esse plano. A criação exige inadaptação, pois ela procura suprir ou então adaptar o indivíduo à realidade.

É criando que a criança constrói seus elementos de figuração para apropriarse da realidade e poder manipular as imagens dos objetos reais. O ambiente cultural tem influência muito grande neste aspecto, sendo que, quanto maior for, mais possibilidades fornece à criança a capacidade de criar figurações.

Em resumo, a imaginação, a realidade cotidiana e a figuração, mediada pelas palavras, fundem-se num processo complexo compondo o desenho daquilo que a criança conhece.

2.4 O TRABALHO COM DESENHO NA EDUCAÇÃO INFANTIL

O trabalho com a arte é um elemento fundamental na educação, por possuir por despertar e expressar uma diversidade de sentidos, sentimentos e imaginação.

Martins (1998, p. 34) afirma que, “antes mesmo de saber escrever, o homem expressou e interpretou o mundo em que vivia pela linguagem da arte. O autor cita a importância da arte dentro e fora das escolas:

Assim a arte é importante na escola, principalmente porque é importante fora dela. Pode ser um conhecimento construído pelo homem por meio dos tempos, a arte é um patrimônio cultural da humanidade e todo ser humano tem direito ao acesso a esse saber. (MARTINS, 1998, p.13).

Em complemento as citações acima Martins (1998) vê a arte como importante ferramenta do ensinar e aprender.

Transformar as atividades isoladas das aulas de arte em ensinar/aprender arte por meio de projetos, criando situações de aprendizagem por meio de sequências articuladas continuamente avaliadas e relampejadas, pode se converter numa eficiente atitude pedagógica (MARTINS,1998, p.158).

A arte proporciona, essa possibilidade de magnitude, tornando seu olhar cada vez mais aberto ao que se já tem e ao novo.

As manifestações artísticas criam sempre oportunidades para inúmeras brincadeiras. A diversidade de experiências culturais favorece brincadeiras coletivas e dão oportunidades para as crianças se relacionarem. Tais experiências no campo das artes devem fazer parte da vida diária das crianças na programação curricular. (BRASIL, 2012, p.45).

É preciso oferecer as crianças os diversos recursos, expandindo o repertório infantil, possibilitando situações que a criança consiga se expressar, criar, refletir, explorar, comparar entre tantas outras conquistas.

É importante organizar informações sobre arte, utilizando artistas e produções documentos e acervos, para que percebam a variedade existente de produções artísticas e concepções estéticas existentes nas diferentes culturas.

Convidar artistas da comunidade para divulgar a arte que dominam. Inserir na programação curricular de cada agrupamento os elementos necessários para enriquecer a cultura artística das crianças. Dispondo desse conhecimento cultural sobre as artes, as crianças podem recriá-las em suas brincadeiras. (BRASIL, 2012, p.45)

Barbosa (1990) complementa a citação anterior ao se referir a necessidade de preparar as crianças para apreciar o fazer artístico: Se nós prepararmos as crianças para lerem imagens produzidas por artistas, prepararemos para ler as imagens que as cercam em seu meio ambiente (BARBOSA, 1990, p.20)

Conforme citado por Barbosa (1990) “se nós prepararmos”, evidenciando a função do educador que é estimular a criatividade, por isso a importância desse profissional ter

uma linguagem clara e focada, observando sua teoria à prática, percebendo que essa teoria colocada em prática se constrói novas percepções novos conhecimentos.

O espaço da arte-educação é essencial à educação numa dimensão muito mais ampla, em todos os seus níveis e forma de ensino. Não é um campo de atividades conteúdos e pesquisas de poucos significados. Muito menos está voltado apenas para atividades artísticas. É território que pede presença de muitos, tem sido profundo, desempenha papel integrador plural e interdisciplinar no processo formal e não formal da educação. Sob esse ponto de vista, a arte educadora poderia exercer um papel de agente transformador (VARELA in FERRAZ e FUSARI, 1999, p. 17).

Ostetto (2000) reforça a necessidade do planejamento escolar, da disposição de toda equipe para realização de um trabalho significativo.

O planejamento educativo deve ser assumido no cotidiano como um processo de reflexão, pois, mais do que ser um papel preenchido, é atitude e envolve todas as ações e situações do educador no cotidiano do seu trabalho pedagógico. Planejar é essa atitude de traçar, projetar, programar, elaborar um roteiro para empreender uma viagem de conhecimento, de interação, de experiências múltiplas e significativas para com o grupo de crianças. (OSTETTO, 2000, p.177).

Quando se utiliza dos recursos didáticos da arte, se tem como finalidade a aproximação da realidade dos alunos aos temas apresentados pelo professor.

O profissional ligado ao trabalho com artes precisa ter consciência de que impor um desenho pronto a uma criança não permite de maneira alguma que ela exercite seu pensamento, raciocínio e muito menos sua personalidade, oportunidade de escolha.

O objetivo é também preparar o sujeito-educador, também criador, no caminho da percepção de zonas reais e proximais, na expectativa de que possa planejar adequadamente. Planejamento apoiado pela observação apurada, pelo registro pessoal da prática vivida, pela reflexão de sua ação e pela avaliação somatória e contínua que alimenta o replanejamento (MARTINS, 1998, p. 1)

A criança não precisa de modelos pré-fabricados, ela precisa de oportunidades de construir seus próprios desenhos, seu próprio traço. Ilustra Barbosa a esse pensamento:

É preciso que os professores saibam que não é qualquer método de ensino da arte que corresponde ao objetivo de desenvolver a criatividade, da mesma maneira que é preciso localizar a arte da criança no complexo mais totalizante da criatividade geral do indivíduo. (BARBOSA, 1990, p. 89).

O professor precisa ser o maior incentivador para o fazer artístico, quanto mais ele despertar a curiosidade e o prazer infantil, mas ele tornará esses momentos com o trabalho com artes interessante e produtivo para as crianças. Ele precisa ter o desejo de ensinar e fazer com as crianças, colocar as mãos na tinta, desenhar e se sujar com elas, tornando esses momentos mágicos inesquecíveis.

Para que ocorra o fascínio entre o ambiente escolar e a criança, o desenho produzido pelo aluno precisa ser valorizado para que ela se sinta parte integrante do ambiente, favorecendo o desenvolvimento como cidadão de fato. Isso a faz interagir e apreciar a própria produção e a de outros, crianças ou adultos, e para que ocorra é necessário planejamento e valorização por parte do educador mediante projetos bem elaborados e exposições com as produções conseguidas para que haja uma reflexão da arte.

Portanto, a formação dos educadores deve visar à conscientização de que o desenho infantil é parte fundamental nas diversas linguagens existentes dentro da proposta pedagógica e não só mera brincadeira de criança, para que o desenho tenha papel significativo na sociedade é preciso que haja um movimento em favor das produções infantis dentro da escola.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Trabalhar com o desenho exige muito conhecimento a respeito do desenvolvimento da criança. As crianças manifestam seus sentimentos, suas emoções quase sempre por meio dos desenhos.

É através do desenho que as crianças conseguem soltar sua imaginação e representar o que está a sua volta. Portanto, ter um olhar diferenciado sobre as produções artísticas das crianças percebendo-a como uma manifestação de seu desenvolvimento cognitivo e afetivo pode ser um diferencial deste segmento educacional.

Nesse sentido, é importante para o professor ter conhecimento sobre os significados do desenho para a criança, bem como das suas fases de desenvolvimento em relação ao desenho, para que ele possa então, de um lado acompanhar o desenvolvimento e o desenho natural, e de outro, ter condições de contribuir para o desenvolvimento do desenho cultivado.

Além das situações propostas em sala de aula, na rotina escolar, a importância dada as atividades que envolvem desenho em casa também influenciam o desenvolvimento infantil. A família que possibilita a criança acesso aos mais diferentes materiais, pode garantir experiências significativas, pois ampliam e

enriquecem o repertório visual e manipulativo da criança.

REFERÊNCIAS

ABRAMOWICZ, Anete; WAJSKOP, Gisela. Educação Infantil: creches, atividades para crianças de zero a seis anos. 2° ed. Revisão atual – São Paulo. Moderna, 1999.

BARBOSA, A.M; A Imagem no Ensino da Arte. São Paulo: Perspectiva, 1990.

BRASIL, Ministério da Educação e do Desporto. Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil. Vol.3, Brasília MEC/SEF, 1998.

BRASIL, Ministério da Educação. Secretária de Educação Básica. Brinquedos, brincadeiras e materiais para bebês: manual de orientação pedagógica: módulo 1 / Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica – Brasília: MEC/SEB, 2012.

CUNHA, Suzana Rangel Vieira. Cor, som e movimento: a expressão plástica, musical e dramática no cotidiano da criança. Porto Alegre: Mediação, 1999.

DERDYK, Edith. O desenho da figura humana. São Paulo: Scipione, 1989.

DERDYK, Edith. Formas de Pensar o desenho. Desenvolvimento do grafismo infantil. 3°ed. São Paulo: Scipione, 2003.

FERREIRA, Sueli. Imaginação e linguagem no desenho da criança. Campinas: Papirus, 1998.

HOLM, Anna Marie. Baby-Art – Os primeiros passos com a arte. São Paulo: Editora Moderna e MAM, 2007.

HOUAISS, A (Org. e dir.) Novo dicionário Houaiss da língua portuguesa. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

IAVELBERG, Rosa. O desenho cultivado da criança. In: CAVALCANTI, Z. Arte na sala de aula. Porto Alegre: Artmed, 1995.

LEITE, Maria Isabel. A criança desenha ou o desenho criança? A ressignificação da expressão plástica de crianças e a discussão crítica do papel da escrita em seus desenhos. IN: Ostetto, Luciana Esmeralda. Arte, Infância e formação de professores: Autoria e transgressão / Luciana Esmeralda Ostetto, Maria Isabel Leite - Campinas, SP: Papirus, 2008.

LOWENFELD, Viktor; MAILLET, Miguel (Trad.). A criança e sua arte: um guia para os pais. 2. ed. São Paulo: Mestre Jou, 1977.

MARTINS, Mirian C.; PICOSQUE, Gisa; GUERRA, M. Terezinha Telles. Didática do ensino de arte: a língua do mundo: poetizar, fruir e conhecer arte, São Paulo FTD, 1998.

MAZZAMATI, Suca Mattos. Ensino de desenho nos anos iniciais do ensino fundamental: reflexões e propostas metodológicas. São Paulo: Edições SM, 2012 – Somos mestres. 2012

MOREIRA, Ana Angélica Albano. Artes Visuais Unidade III. Caderno de Formação. p 46 a 63, 1993.

OSTETTO. Luciana Esmeralda. Encontros e encantamentos na Educação Infantil. Campinas, SP: Papirus, 2000.

PARACHEN, Lilian. Elementos básicos da linguagem visual. Disponível em:

http://7dasartes.blogspot.com.br/2011/08/elementos-basicos-dalinguagemvisual.html. Acesso: 01 maio 2023.

PEREZ, Carmen Lucia V [et.al]; Garcia, Regina L (org.). Revisitando a Pré-escola – 5° ed. São Paulo, Cortez, 2001.

VYGOTSKY, Lev S. A formação social da mente. São Paulo: Martins Fontes, 1989.